

CONSUMO

Aumento da renda, maior oferta de crédito e produtos importados impulsionaram o desempenho do varejo em outubro no país. No Distrito Federal, resultado foi negativo com retração de 3,42%

Vendas em alta no comércio

LUÍS OSVALDO GROSSMANN

DA EQUIPE DO CORREIO

GUILHERME QUEIROZ

DO JORNAL DO COMÉRCIO

Mesmo num ritmo mais fraco que setembro, as vendas do comércio em outubro tiveram aumentos em volume (0,51%) e valor (0,38%), resultados que são mais expressivos quando comparados com o ano passado — 6,95% e 6,93%, respectivamente. O desempenho de supermercados, eletrodomésticos, lojas de departamento e computadores continuam pulando para cima os índices nacionais, embora no Distrito Federal a situação seja diferente.

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), as vendas no varejo vão bem graças aos rendimentos que continuam crescendo, ao crédito ainda farto, à queda gradual dos juros e ao aumento das importações, com preços baixos devido ao câmbio favorável às compras externas.

Comparativamente o desempenho perdeu força — em setembro o crescimento das vendas foi de 1,8% — porque naquele mês houve antecipação de 13º salário aos aposentados, o que fez a diferença. “A tendência continua sendo de alta, mesmo com os resultados de outubro menores do que em setembro”, explicou o técnico da coordenação de serviços e comércio do IBGE, Reinaldo Pereira.

As vendas de alimentos, supermercados e hipermercados (0,75%) apresentaram resultados acima do varejo como um todo, motivados pelo incremento de renda ocorrido em 2006 que sustenta uma evolução acumulada de 7,55% em relação ao ano anterior. A baixa inflação dos alimentos e a invasão dos produtos importados também sustentam esse crescimento acumulado.

A relação entre real e dólar, favorável às importações, é um impulso adicional aos setores de móveis e eletrodomésticos, também altamente sensíveis à oferta de crédito — ou seja, há uma injecção constante de produtos importados com preços competitivos. É semelhante ao que aconte-

ce com os equipamentos de informática, beneficiados por reduções de impostos.

DF na contramão

Mas se no restante do país os supermercados experimentam um período prolongado de bonança, no Distrito Federal o segmento amarga um segundo semestre de vacas magras. Em outubro, a retração nas vendas das lojas foi o principal responsável pela queda de 3,42% no desempenho global do varejo brasiliense frente ao mês de setembro. Foi o quarto recuo consecutivo no volume comercializado pelas grandes lojas do DF. Para empresários do setor, nem o Natal deve renovar o folego da atividade.

Apesar de embalado por bons resultados ao longo do primeiro semestre, os supermercados brasilienses começaram a amargar quedas sucessivas nas vendas a partir de julho. No terceiro trimestre, foram três resultados inferiores aos de 2005. Em outubro, porém, a queda foi a maior do ano nessa comparação: 9,98%. A série de perdas serviu ainda para relegar a atividade como a de segundo menor crescimento no varejo local, com apenas 1,25% de expansão no acumulado no ano, abaixo dos 6,57% da média do DF.

Essa retração nas vendas fica mais evidente se comparada a outros segmentos de peso no varejo local. O comércio de móveis e eletrodomésticos, por exemplo, prospera com crescimento de 19,91% em outubro, em relação ao mesmo mês de 2005. As lojas de materiais para escritório e informática melhoraram os resultados em 13,57%. “As vendas crescem no embalo da melhora na renda, na queda do preço de produtos importados e no aumento do crédito”, explica o técnico da Área de Comércio e Serviços do IBGE, Nilo Lopes de Macedo.

Já o presidente da Associação dos Supermercados de Brasília, Mário Habka, avalia que o segundo semestre será o pior dos últimos anos. “E novembro e dezembro também não vão bem”, adianta. Para o empresário, a redução nas vendas do setor pode ser reflexo do crescimento acentuado nos segmentos de móveis e eletrodomésticos, de equipamentos de informática e de veículos.